

país. E parece-nos que os pedidos de autorização e de subsídio ao IPPC deveriam ser julgados não na base de escavações pontuais, mas através dos programas de pesquisa em que tais iniciativas se integram, podendo encarar-se a possibilidade de subsídios plurianuais, que permitissem uma certa estabilidade das equipas e a produção de trabalhos de fôlego, verdadeiramente significativos, aos quais seriam dadas facilidades de publicação em volumes autónomos, como acontece noutros países. Reservando embora o caso especial dos trabalhos de emergência, uma tal organização, possibilitando a planificação, com a devida antecedência, dos trabalhos arqueológicos, permitiria o passo definitivo das pesquisas ainda algo românticas à investigação propriamente científica, que parte sempre do equacionamento dos problemas para a concretização das análises que os permitirão (ou não) resolver.

É evidente que os programas de pesquisa se podem basear numa grande diversidade de critérios. Problemas há que envolvem a extensão das pesquisas a diversas regiões do país, e a estações de natureza muito diversificada, por exemplo. A programação deveria ser feita com a maior maleabilidade, respeitando as necessidades imediatas (inventariação, por regiões ou tipos de monumentos, por exemplo) da pesquisa «aplicada», e as necessidades próprias da investigação «fundamental». Mas, num país em que as autarquias locais começam a despertar para o interesse da Arqueologia, e em que o levantamento da Carta Arqueológica há muito se impõe, parece-nos que a constituição de programas de pesquisa regionais, visando a sucessão dos princípios que presidiram ao povoamento de um dado território homogêneo, poderá, neste momento, revelar-se muito frutuosa, de qualquer ponto de vista em que nos coloquemos. Desde os trabalhos de Higgs, Vita Finzi e Jarman, que a «Arqueologia espacial» se encontra na ordem do dia, visando a extensão das pesquisas (interdisciplinares) à totalidade de um território, por forma a compreender como, em cada época, este foi «organizado»

pelo homem, tanto em termos funcionais como simbólicos. E, com o auxílio da geografia humana, consideráveis progressos se têm feito.

No Norte do país, um problema poderá ser, por exemplo: como era a paisagem do Minho antes das épocas romana e medieval, quais os padrões de ocupação do espaço durante as fases de construção de megálitos, durante a Idade do Bronze, e a Idade do Ferro, e como é que, posteriormente, tal paisagem se modificou, até se constituir a actual, em relação com formas económicas, sociais e mentais características? É para resolver essa questão que, desde 1978, temos vindo a efectivar as pesquisas do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, no qual já temos, ou pensamos ter em breve, intervenções nos domínios do megalitismo, da Idade do Bronze, e das estações castrejas e medievais. Este programa de pesquisas está a ser concretizado por uma equipa de vários arqueólogos, alguns deles no início da sua carreira, unidos por um substrato metodológico comum, e cujos resultados podem constantemente ser cotejados, pois, para além da época a que cada um diz respeito, visam os objectivos mais vastos enunciados. Parece-nos que tal iniciativa, formadora de uma escola, e ultrapassando o mesquinho individualismo dos que só almejam apossar-se do «monopólio» de uma região ou época, deveria ser encarada com apreço por todos os que realmente se importam pela Arqueologia nacional, nomeadamente as entidades centrais responsáveis, uma vez que o mesmo projecto tem já o inteiro apoio das autarquias locais. Apesar das resistências que qualquer tarefa criadora de início sempre encontra, e da inércia que é preciso vencer, nós acreditamos na perenidade de um único valor, que é o do trabalho concreto, não isento de defeitos, mas feito com honestidade e intenção de aperfeiçoamento progressivo. Não supervalorizamos o nosso contributo. O futuro ajuizará porém do seu significado, quando o tempo peneirar as emoções, e as publicações resultantes do nosso labor aí ficarem para que outros, talvez numa época mais generosa, possam retomar o caminho.

Gravuras rupestres de Mazouco

(Freixo de Espada à Cinta)

"Arqueologia", nº 3, GENP, Porto.
1981.

por Susana O. Jorge, Vítor O. Jorge,
Carlos Alberto F. de Almeida,
M. de Jesus Sanches e M. Teresa
Soeiro

1. Introdução

As gravuras rupestres cuja descoberta vamos noticiar situam-se na freguesia de Mazouco, concelho de Freixo de Espada à Cinta, distrito de Bragança, no extremo Leste transmontano. Até hoje inéditas para a Arqueologia, eram porém bem conhecidas dos habitantes daquela povoação, que designavam a mais evidente delas por «o carneiro», assim identificando o respectivo local.¹

A excepcional importância desta descoberta levou-nos a elaborar, num curto espaço de tempo, a presente notícia, a todos os títulos preliminar. Realmente, a nossa atenção concen-

trou-se para já apenas nas gravuras existentes no sítio do «carneiro», tencionando nós, em futuro próximo, realizar uma prospeccção exaustiva na área em torno. Será um trabalho difícil, dado o acentuado declive e a irregularidade do terreno, mas necessário pela possibilidade de ocorrerem mais gravuras, e até outros testemunhos arqueológicos — falaram-nos inclusivamente na figuração de uma «águia» e, também, de uma «arca lavrada em cantaria» existentes nas imediações, na margem oposta da ribeira próxima.² Por outro lado, será necessário levar a efeito uma sondagem na pequena plataforma que serve de base ao afloramento xistoso em que as gravuras foram praticadas.³

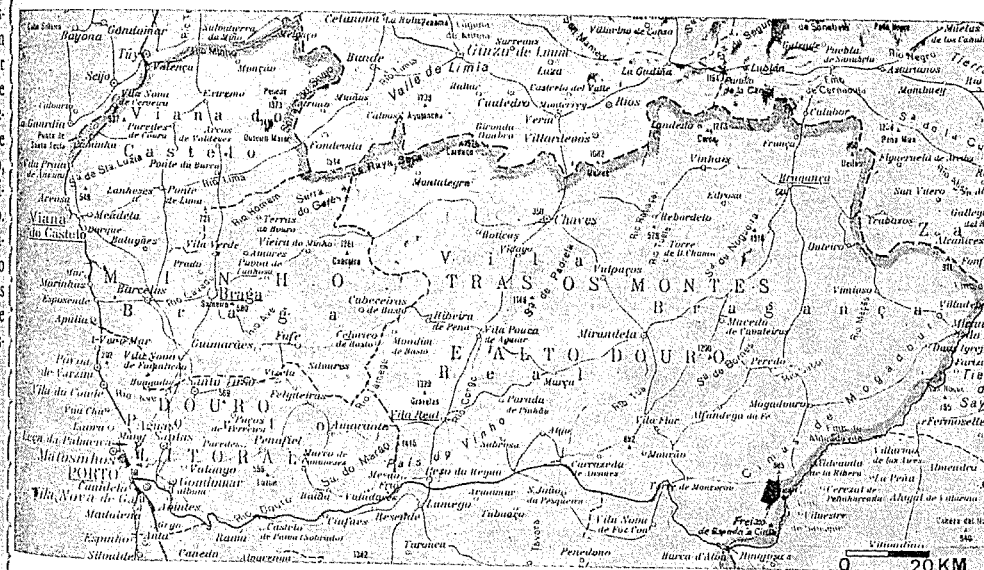


Fig. 1 — Localização da estação no Norte de Portugal.

2. Localização

A localidade de Mazouco é uma das poucas povoações de fronteira situadas ao longo do troço SW-NE do vale do Douro, que nesta zona corre num canal alcantilado, jovem, de perfil em V. Antes das barragens, que altearam o nível das águas, o rio apresentava nesse troço bruscas descidas de nível, abundando os saltos e cachões; o perigo que estes representavam para a navegação, e o carácter abrupto da garganta, contribuíam para que ele constituísse uma verdadeira fronteira natural com a Espanha.⁴

Mazouco situa-se a cerca de 6 Km. para NNE da sede do concelho e a cerca de 1.750 m. para NW do vale do Douro, num pequeno *plateau* inclinado, na margem direita da ribeira de Albagueira. Para chegar ao local das gravuras, é necessário descer um íngreme estradão, que corta formações xisto-grauváquicas ante-ordovícicas, em direcção à referida ribeira de Alba-

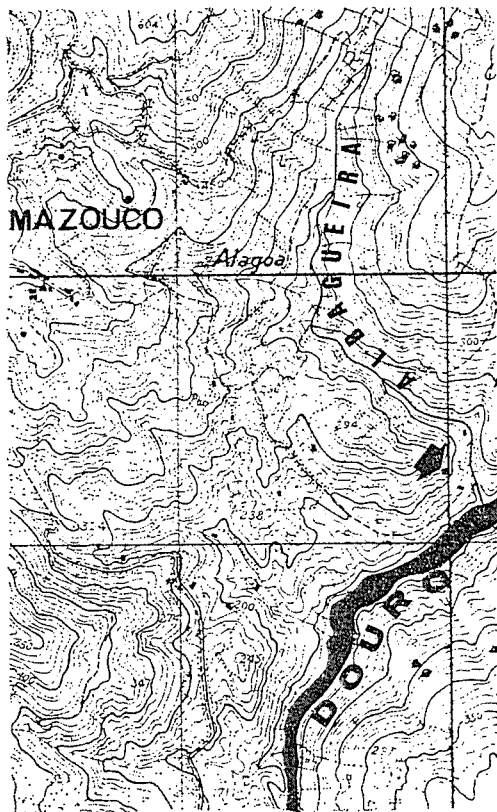


Fig. 2 — Localização da estação na carta de 1/25.000.

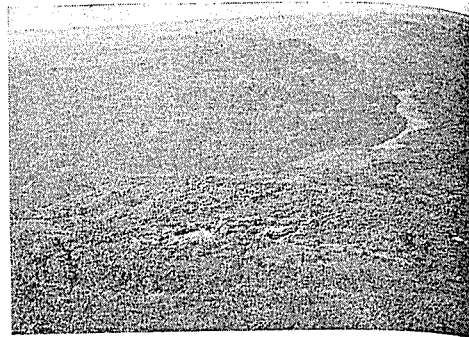


Fig. 3 — A aldeia de Mazouco e o Douro. As gravuras situam-se na área do lado esquerdo da foto.

gueira, a qual corre num sentido aproximado norte-sul, para inflectir depois para SE, antes de desaguar no Douro. O sítio encontra-se na margem direita da ribeira, perto da confluência (cuja morfologia se acha alterada devido à subida das águas provocada por barragens), em frente e para oeste do «Picão do Navalho», na base do «Cabeço da Vigia», a uma cota aproximada de 210-220 m. As coordenadas geográficas do local são as seguintes (segundo a «Carta Militar de Portugal» na escala de 1/25.000, folha 132 - Fornos):

41° 8' 17" Lat. N.
2° 22' 15" Long. E. Lx.

A estação acha-se integrada em formações do complexo xisto-grauváquico, «afectadas por metamorfismo regional» (v. «Carta Geológica de Portugal» na esc. de 1/500.000, Serv. Geol. de Port., 4.ª ed., 1972), numa área de contacto com granitos hercínicos, ante-vestefalianos (predominantemente alcalinos, de duas micas). A paisagem, como dissemos, é extremamente alcantilada, com descidas abruptas para o Douro e seus afluentes, característica que, antes da construção das barragens, era obviamente ainda mais acentuada. Terra «quente», não admira ver os terraços baixos, estreitos, ou os socacos construídos nas encostas, pontuados de laranjeiras, que contrastam com a forte beleza selvagem da região.

3. As gravuras⁵

As gravuras de Mazouco, que para já se reduzem, com certo grau de probabilidade, a três motivos zoomórficos, encontram-se implan-

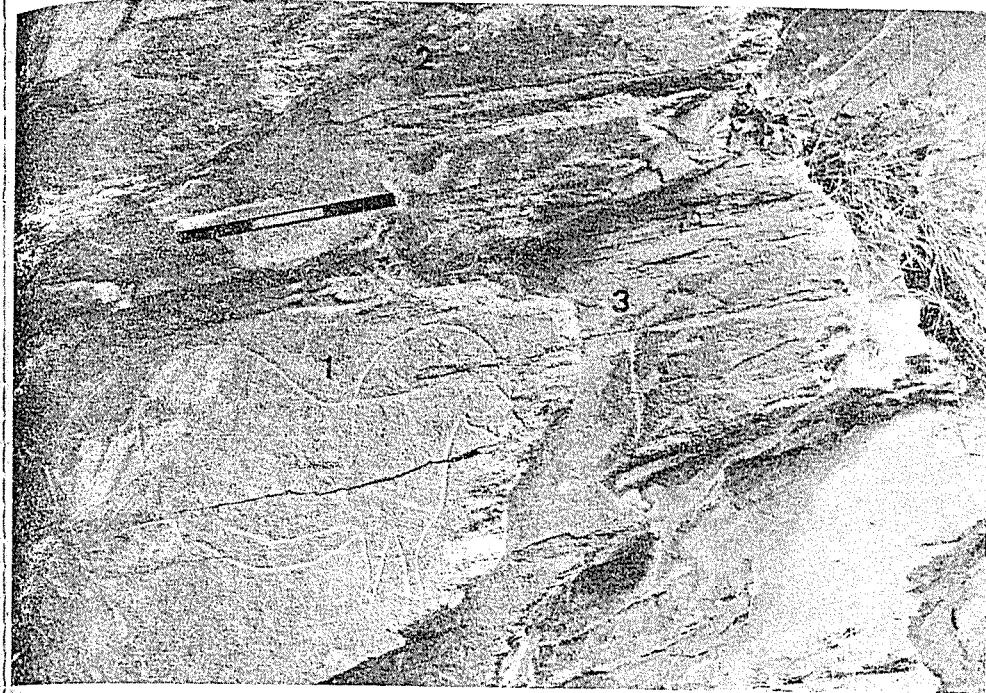


Fig. 4 — O conjunto das gravuras.

tadas em rochas do complexo xisto-grauváquico (filádios ou xistos luzentes, algo gregosos) (v. apêndice final), fendidas segundo planos de xistossidade sub-verticais, e profundamente diacladas, numa direcção perpendicular à daqueles planos.⁶ Devido a tais diaclases, blocos superiores do afloramento ter-se-ão, em determinada altura, desprendido da parte superior do mesmo, formando um pequeno recôncavo na rocha onde as gravuras foram feitas, e assim melhor se puderam conservar, resistindo aos agentes erosivos. As superfícies rochosas em que os animais foram gravados dispõem-se segundo uma direcção aproximada WSW-ENE, voltando-se assim a SSE, ou seja, *grosso modo*, à confluência da ribeira de Albagueira com o Douro, permitindo uma boa exposição solar (a diaclase que atravessa a figura principal é nitidamente de origem térmica).

Um observador que olhe as gravuras de frente, isto é, que se volte para NNW, encontra, à sua esquerda, uma superfície maior, em que se acha gravado um animal (que designaremos pelo n.º 1) pela técnica da abrasão (traço

contínuo, ou gravura «litotríptica».⁷ O traço, sobretudo na parte anterior da figura, é bastante profundo (c. de 3 a 5 mm.), com uma secção em V, e tinha indícios de ter sido recentemente reavivado por um instrumento pontea-gudo, metálico; tal reavivamento, porém, não alterou a profundidade do sulco, como se vê por alguns pequenos troços em que a pátina se conservou.⁸ Este animal tem um comprimento



Fig. 5 — Gravura n.º 1, antes da limpeza da rocha.

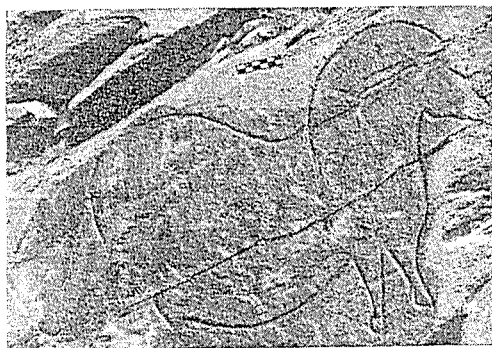


Fig. 6 — Gravura n.º 1, após a rocha ter sido limpa.

total de cerca de 62 cm., e uma altura máxima de aproximadamente 37,5 cm. A extremidade do focinho e um troço da parte superior da cabeça desapareceram, devido a fragmentação da rocha; pode porém seguir-se todo o resto da linha do dorso, bastante sinuosa, com um recôncavo bem acentuado ao centro e uma parte posterior convexa, saliente. A cauda é larga (4 cm. no máximo) e tem o comprimento de c. de 13 cm., não sendo visível a sua extremidade, ou por não ter sido esboçada, ou por não se ter conservado; o traço é aliás nessa zona pouco fundo (c. de 1 mm.), como de resto em toda a parte traseira do animal, onde a rocha apresenta uma coloração esbranquiçada, em resultado da erosão, que assim teria eliminado uma película superficial, apenas deixando visível o fundo dos sulcos. As patas traseiras estão incompletamente figuradas, reduzidas à sua parte superior. A pata esquerda tem um perfil sub-triangular (visivelmente correspondente à zona da coxa), interrompendo-se a cerca de 10 cm. do corpo; a direita pouco ultrapassa os 9 cm. no seu comprimento máximo, e tem um perfil sub-retangular (dando à figura uma perspectiva semi-torcida); a sua leitura é prejudicada por uma fissura da rocha, que atravessa o animal longitudinalmente, e que incrementou a meteorização da pedra de um e outro dos seus lados. A zona do ventre é definida por duas linhas curvas, paralelas, situadas a 4 cm. uma da outra na parte média; trata-se decerto da figuração da parte inferior da barriga, conferindo ao animal um certo volume. De notar que a fundura do sulco inferior, mais importante, porque dando o contorno da figura, é maior (c. de 3 mm.) do que a do sulco superior, interno. Além disso, a linha inferior apresenta uma protuberância

sub-triangular junto à pata direita traseira, correspondente à figuração do sexo masculino. As patas dianteiras, claramente definidas, são curtas (c. de 9 cm. na esquerda, e de 10 cm. na direita), contribuindo para dar ao animal um aspecto atarracado, pois se encontram quase à altura da parte inferior do ventre. A pata esquerda está figurada de perfil, e engrossa na parte terminal, correspondente ao casco, que parece sugerido, do lado esquerdo, por um duplo contorno; a pata direita apresenta-se de frente, ou a 3/4, criando portanto de novo uma perspectiva semi-torcida; o casco está delimitado por um sulco horizontal, a cerca de 2 cm. da extremidade, algo arredondada. A cabeça, com uma protuberância arredondada na base, corresponde à saliência do maxilar inferior, está

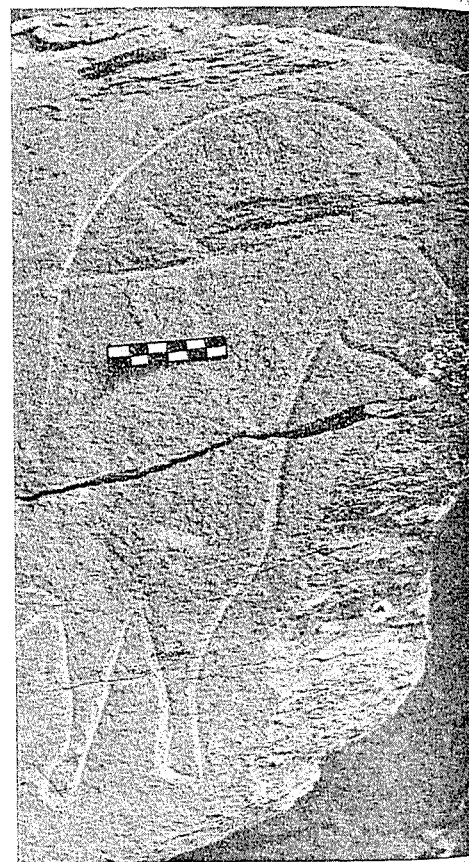


Fig. 7 — Parte anterior da gravura n.º 1. O prolongamento inferior do sulco da crina deve-se a riscagem posterior à gravura.

bem destacada do corpo, e apresenta, mesmo truncada, um comprimento máximo de c. de 5 cm. No seu interior, um negativo sub-triangular parece corresponder a um olho. Entre a cabeça e a parte média do animal, desenha-se uma linha curva, semi-oval, nitidamente destacada (c. de 8 cm. na zona mediana), que só pode representar a crina, uma crina à qual o autor da gravura quis dar todo o destaque.

A crina bem erguida, a convexidade da parte posterior do dorso, a cauda levantada, e a disposição das patas traseiras, dão ao animal — concretamente, um cavalo — uma nítida disposição de movimento.

Apesar do carácter relativamente «fresco» com que, a uma primeira observação, esta figura nos surge, carácter esse certamente decorrente dos reavivamentos recentes e da fundura do traço, trata-se de uma gravação bem antiga, como o mostra a análise de pormenor. Esta evidencia o intenso boleamento de ambos os

lados superiores dos sulcos; a permanência de uma pátina escura em certos pontos, nomeadamente na zona média de cada uma das «vertentes» dos mesmos sulcos; o facto da fissura que percorre o corpo do animal ser claramente posterior à gravação, como se confirma na parte anterior do corpo, sob a cabeça, onde a referida fissura provocou uma ligeira deslocação da parte inferior da pedra, interrompendo a continuidade original do traço.

Trata-se pois da representação de um equídeo (família dos *Equidae*, sub-família dos *Equinae*, género *Equus*).⁹ Adiante discutiremos mais pormenorizadamente os problemas que levanta, quanto à sua identificação zoológica mais precisa, quanto ao estilo da figuração; e quanto à sua inserção cronológico-cultural.

À direita da gravura descrita, numa superfície contígua e paralela à desta, mas mais retráida em relação ao observador (plano de xistosidade sub-vertical situado mais para o interior

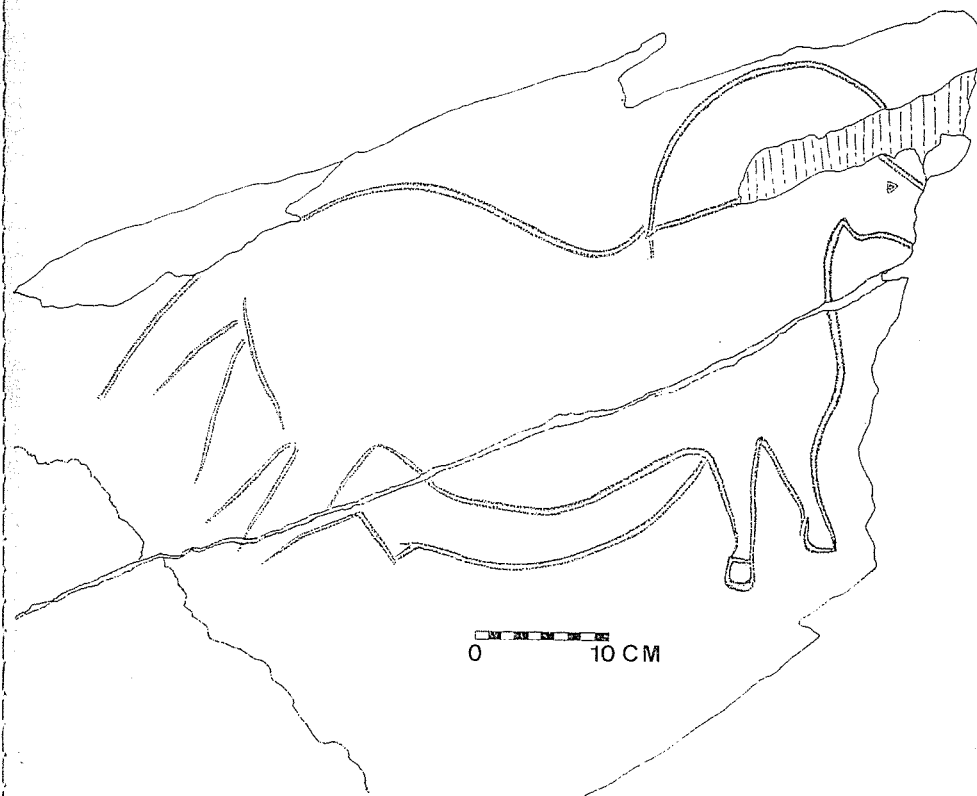


Fig. 8 — Gravura n.º 1.

do afloramento), encontram-se outros dois motivos animalísticos, de dimensões prováveis bastante menores e grau de conservação muito inferior. Realmente, fissuras bastante largas e amplas películas que se soltaram da rocha quase que fizeram desaparecer os motivos; por outro lado, a superfície do xisto, decerto particularmente exposta aos agentes erosivos, mostra-se bastante corroída, dificultando a perfeita delimitação das gravações. Além disso, temos também de notar que, na figura superior (n.º 2), a técnica aplicada foi a da martelagem ou picotagem (gravura litostíctica), e que, no motivo inferior (n.º 3), parece haver conjugação dessa técnica com a do traço contínuo: a parte posterior de um animal surge aí feita por abrasão (embora com um traço menos fundo do que o do equídeo), enquanto, à direita, o que poderia ser a parte anterior do mesmo corpo está gravada por picotagem.

A figura n.º 2 (equídeo?) encontra-se reduzida ao que parece ser uma cauda, relativamente

larga (c. de 2,5 cm. no máximo), em posição caída, e a uma das patas traseiras (ou a ambas, unidas, de perfil, numa figuração esquemática?) e, talvez, ao começo do ventre; a altura original do animal poderia ter sido de cerca de 20 cm., pelo menos na parte posterior. O estado de destruição em que a gravura se encontra (as fissuras que atravessam a rocha estavam inclusivamente cobertas de terra e musgo, que tivemos de limpar) impedem-nos, para já, de acrescentar algo mais sobre este motivo.

Cerca de 26 cm. mais abaixo, à direita do motivo n.º 1, surge-nos uma outra figura, igualmente, como dissemos, muito destruída pela fracturação da rocha. Trata-se de um animal (equídeo também?), cujo dorso se encontra esboçado, a traço contínuo bem nítido, continuado por uma pata traseira, e pelo que parece ser o arranque, arredondado, do ventre. Na extremidade superior esquerda divisa-se o começo de uma possível cauda. À direita, a picotada,

surgem alguns traços que parecem sugerir uma cabeça (com orelhas, e, eventualmente, pelos da crina?), continuada, inferiormente, por um traço sub-vertical. A partir-se da cabeça do mesmo animal (do que não podemos, obviamente, ter a certeza, tanto mais que estamos perante uma provável coexistência de duas técnicas), teríamos de admitir que este (com um comprimento aproximado de 30 cm., e uma altura, na área do dorso, de cerca de 20 cm.) estaria visto de trás, em perspectiva semi-torcida.

4. Considerações finais

Concentremo-nos agora no motivo n.º 1, que é o mais explícito. Para uma tentativa de interpretação, teremos de recorrer a problemas de estilo, por um lado, e de caracterização do tipo de equídeo em causa, devidamente conjugados. Em primeiro lugar, diremos que o estilo foge a tudo quanto se conhece na arte rupestre animalista portuguesa de ar livre, que é pós-glaciária: nem se compara com os animais gravados na arte rupestre do vale do Tejo, nem com os do círculo galaico-português, por exemplo. O motivo apresenta-se com um estilo intermédio entre um figurativismo sintético, e um figurativismo analítico.¹⁰ linha cérvico-dorsal sinuosa, ventre arredondado e volumoso (volume este dado por duas linhas curvas alongadas, concêntricas), extremidade das patas traseiras e da cauda omitidas, perfil absoluto da cabeça e extremidade anterior do corpo, mas patas e parte traseira do corpo em perspectiva semi-torcida, crina inusitadamente alta, arredondada, entrando ligeiramente na parte superior do corpo, patas da frente curtas, mas realistas, com figuração dos cascos, saliência do maxilar inferior bem nítida. A sensação geral de movimento está principalmente dada pela acentuada sinuosidade da linha cérvico-dorsal, arqueada. Todas as características apontadas conferem ao animal um estilo misto, de certo esquematismo conjugado com a acentuação realista de pormenores anatómicos, e de ligeiro hieratismo ao qual não falta a animação do movimento.

Pela descrição acima feita compreende-se que tenhamos pensado, para este animal, uma integração na arte parietal do Paleolítico superior, adentro do círculo geral franco-cantábrico. Realmente, o cavalo de Mazouco não seria difícil de inserir numa posição intermédia entre os estilos III (Solutrense recente, Madalenense antigo) e IV (Madalenense médio e recente) de Leroi-Gourhan.¹¹ A confirmar-se tal cronologia,

estariamos perante a primeira manifestação de ar livre da arte do Paleolítico superior português, ciclo artístico, aliás, até agora só representado no nosso país por uma única estação, a gruta do Escoural, em Montemor-o-Novo.¹² A responsabilidade de uma tal classificação, porém, levou-nos a ser extremamente prudentes, perante a ausência de paralelos portugueses (não chegou ainda às nossas mãos a publicação, *in extenso*, de muitas gravuras do Escoural recentemente descobertas —¹³), e dado o estágio preliminar da análise em que nos encontramos.

Consultámos, assim, o Prof. Jordà Cerdà, da Universidade de Salamanca, que, na sua qualidade de especialista do assunto, nos enviou o seu parecer, no qual considera a presente descoberta «extraordinária, embora previsível, de uma jazida rupestre, de ar livre, paleolítica. Há outras no vale do Douro.» E acrescenta: «O cavalo é de muito bom estilo e diria que se articula com um cavalo de Los Casares (Riba de Saelices, Guadalajara).¹⁴ Também se parece com o cavalo de Hornos de la Peña, ao ar livre, e talvez se possa relacionar com os recentemente descobertos no vale do Nalón (Astúrias), que Fortea Perez está a estudar. Quanto à data, inclino-me para a época Madalenense média e final (IV estilo de Leroi-Gourhan), sobretudo pelo traçado das patas dianteiras e pela dupla linha do ventre. Na concepção (à excepção das patas) parece-se com a «égua» do «Camarín» da gruta da Peña de Candamo, com a sua linha cérvico-dorsal quebrada.»

Esta opinião de Jordà Cerdà, ao atribuir ao cavalo de Mazouco uma cronologia tardia dentro da arte do Paleolítico superior, valoriza sobretudo os atributos «evoluidos» da figura, em detrimento de outros aspectos «arcaizantes» que nela se notam, e que permitem a aproximação genérica com alguns dos exemplares espanhóis que cita; assim, na sua obra «Historia del Arte Hispánico — I — La Antigüedad» (escrita de colaboração com J. M. Blázquez),¹⁵ o mesmo Cerdà integra na fase «aurinhaco-gravetense» alguns cavalos de Hornos de la Peña (p. 177, lám. XXI, 1 e 4) e na fase madalenense antiga o painel do «Camarín» de Candamo (p. 179, lám. XXIII, 1). É pois apenas aparente a contradição daquele autor; mas nós, tendo em linha de conta uma certa complexidade estilística do animal, a que aludimos, preferimos apenas sugerir para o mesmo, e com todas as reservas, uma cronologia adentro do Madalenense. Se tal classificação genérica vier a con-

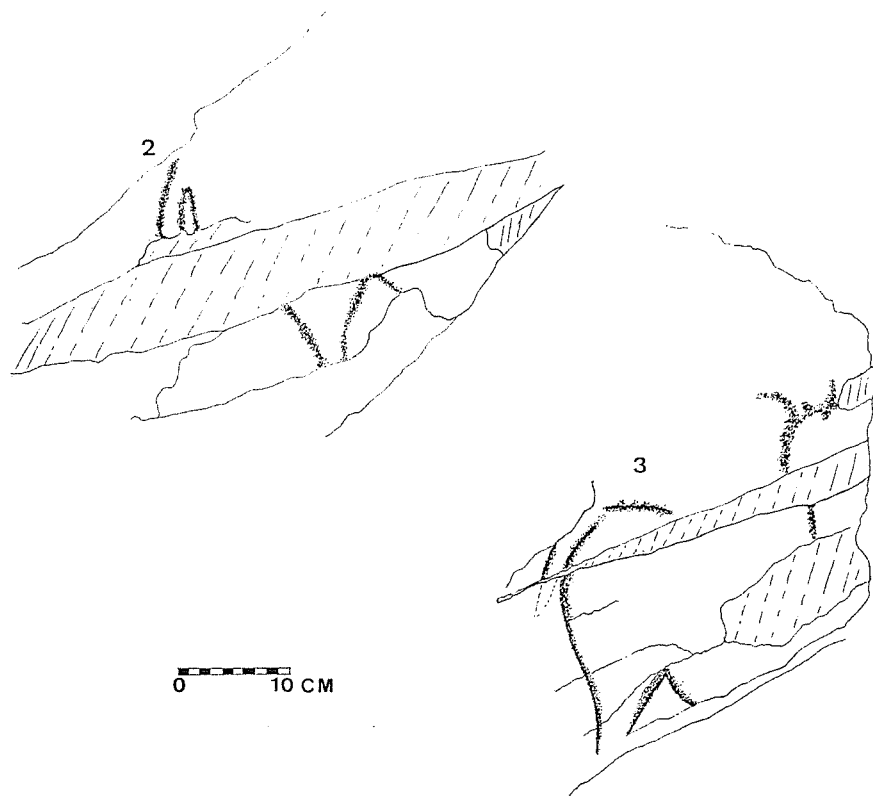


Fig. 9 — Gravuras n.º 2 e 3.

firmar-se, na sequência dos nossos trabalhos em Mazouco, estaremos perante uma das «pontas» mais ocidentais da arte franco-cantábrica, e, ao mesmo tempo, perante uma das raras estações do Madalenense português, até hoje tão mal conhecido.¹⁶ Acresce que, ainda dentro dos mesmos pressupostos, se trataria, como atrás dissemos, da primeira jazida de arte rupestre paleolítica ao ar livre encontrada em Portugal, o que diz tudo da importância, pelo menos potencial, deste achado.

Num livro célebre, Laming-Empeire¹⁷ resumiu as principais características das estações de ar livre da arte paleolítica franco-cantábrica. Nessas estações predominam as gravuras profundas, as quais, associadas frequentemente a esculturas, estão sempre relacionadas com locais ao ar livre ou, quando muito, com pequenas grutas iluminadas pela luz do dia (p. 187). Este conjunto de estações forma um «grupo bastante nítido» que «tem as suas manifestações mais típicas no Périgord e nas regiões adjacentes. Nas regiões periféricas (Espanha cantábrica, Sudoeste da França, Itália) encontramos ainda algumas estações de ar livre. São pouco numerosas e caracterizadas por gravuras profundas, com exclusão de verdadeiras esculturas.» (p. 192). No Sudoeste francês, este grupo iria do fim do Aurinhacense e Perigordense ao Madalenense III (p. 194), e teria precisamente começado por gravuras profundas realizadas em lajes ou blocos isolados; progressivamente, essas gravuras teriam adquirido relevo (até chegar ao baixo-relevo), alargando-se as representações a paredes inteiras de abrigos sob-rocha (p. 192). É evidente que nas zonas afastadas desse «núcleo», a realidade pode apresentar-se de forma diferente, nomeadamente no que respeita à cronologia, com sobrevivência até épocas tardias (quem sabe, mesmo, se pós-paleolíticas) de determinados esquemas estilísticos.

A concluir estas considerações, algumas notas apenas sobre a possível filiação zoológica do cavalo de Mazouco. Cremos poder dizer que está fora de dúvida tratar-se de um *Equus caballus*. Em França, durante o Würm, encontramos cavalos desta espécie, pertencentes, uns, à sub-espécie *germanicus*, de dimensões médias, e formas pesadas, e, outros, à sub-espécie *gallicus* (cavalo de Solutré), de dimensões mais pequenas. Estes últimos teriam sido amplamente caçados pelos homens do Paleolítico superior durante o fim do Würm III e no Würm IV; e, segundo Pratt, corresponderiam às frequentes

figurações rupestres (v. «La Préhistoire Française», t. I, vol. I, 1976, p. 414). O habitat do *Equus caballus* seria, em termos genéricos, a pradaria ou a estepe (*id., ib.*, p. 415).

Existiu também em França a espécie *Equus hydruntinus*, mas é ainda mal conhecida (Pratt, *Les Equidés*, «Faunes et Flores Préhistoriques...», p. 212). É sabido que, actualmente, a única sub-espécie de *Equus caballus* em estado selvagem é o *Equus caballus przewalski*, descoberto na Ásia Central no último quartel do século passado; todas as outras variedades não são senão cavalos domésticos retornados à vida selvagem.

Benito Madariaga de la Campa tem dedicado alguns estudos a este assunto, no âmbito peninsular.¹⁸ Num trabalho publicado em 1963, intitulado *Estudio zoológico de las pinturas rupestres en la región cantábrica*,¹⁹ após historiar as perspectivas sobre o tema, inclina-se para a existência, no Norte de Espanha, de dois tipos de cavalos, um próprio do ambiente de montanha, o outro de vale. «No litoral cantábrico as formas reduzidas correspondem ao animal de monte, chamado de bosque, que recordam o E. Przewalsky com pescoço comprido, crina recta, risca dorsal e perfil sub-convexo. Estes cavalos não costumam alcançar estaturas superiores a 1,30 m. Outro detalhe somático muito característico é o relevo do bordo do maxilar posterior (...). Animais rústicos por excelência, submetidos aos rigores do clima e a um regime alimentar muito irregular, é neles bem marcado o engrossamento da pele e a cobertura pilosa. As outras representações correspondem a equídeos longilíneos de cabeça grossa, que existiram nos vales em certo momento climático e se adaptaram facilmente ao nosso terreno (...). Contudo, encontramos-os em França, com bastante frequência, nas principais grutas.» (pp. 33 e 34).

Partindo destas noções gerais, e não esquecendo o estilo «arcaizante» do exemplar de Mazouco, inclinamo-nos mais para a sua ligação às formas atarracadas, baixas; todavia, sendo este um assunto que escapa à nossa especialidade, limitamo-nos, para já, a acentuar o carácter achatado da cabeça, e um certo aspecto rectilíneo do pescoço, que de algum modo contrastam com a acentuada convexidade do dorso,²⁰ dando mais uma vez a esta figura um aspecto algo ambíguo, em que a dificuldade de o ligar a um estilo se desdobra na dificuldade de o identificar com um tipo preciso de cavalo.

*

5. Apêndice²¹

As gravuras rupestres de Mazouco foram praticadas numa superfície de xistosidade, extensa e sub-vertical, de um afloramento de filitos ou xistos luzentes do complexo xisto-grauvácico trasmontano.

Macroscopicamente, esta rocha metamórfica, foliada e de finíssima granularidade, evidência sinais de alteração. A cor é castanho-amarelada e o brilho gorduroso.

NOTAS

- 1 — O Sr. Armando Lopes, de Mazouco, mostrou-nos um pequeno relatório manuscrito sobre locais com interesse da região, em que a existência do «carneiro» se encontra registada; e o estudante da Faculdade de Letras do Porto Nelson H. de Campos Rebanda, após ter fotografado aquela gravura e feito um decalque sumário da mesma, comunicou o assunto a um dos signatários (S.O.J.), seu Professor de Pré-história, motivando assim a deslocação da equipa ao local em 1.V.1981, e o estudo preliminar que aqui apresentamos. A estas duas pessoas agradece-se a prestimosa colaboração prestada.
- 2 — Segundo os habitantes da zona, o «carneiro» estaria a olhar para um local onde existe um «tesouro», algures na margem esquerda da ribeira de Albagueira.
- 3 — Vai ser solicitada ao Instituto Português do Património Cultural a classificação desta nova estação rupestre do vale do Douro, bem como tomadas todas as providências, junto das autarquias locais, para a sua protecção.
- 4 — V. Vergílio Taborda, «Alto Trás-os-Montes», Coimbra, 1932, p. 18.
- 5 — Utilizámos a seguinte técnica na análise das gravuras: limpeza, com escova e com água; após secagem, passagem de uma esponja húmida, para fazer ressaltar os sulcos, a seco, na superfície molhada; decalque com marcadores de cor diferente (para os motivos gravados e para os acidentados da rocha) sobre papel celofane. Proximamente, novo decalque será feito com utilização do método bicromático, bem como uma moldagem em «latex».
- 6 — As rochas encontram-se de facto profundamente fissuradas por «diaclasses potenciais»; ao abrir, algumas dessas diaclasses interromperam as figuras gravadas; noutros casos, esfoliações da rocha foram responsáveis pelo desaparecimento de parte dos motivos.

Ao microscópio, destaca-se a alteração e a deformação da rocha, observando-se uma textura folheada. Apresenta como minerais essenciais o quartzo e a moscovite e como mineral acessório o zircão. Os minerais de alteração identificados foram a clorite, óxidos de ferro, e uma percentagem reduzida de epidoto. Observaram-se gânglios demauritizados provenientes da alteração de silicatos de alumínio anidro, aluminosos e ferro-magnesianos (andaluzite? estaurulite?, etc.).

A. H. B. Gonçalves

- 7 — Realizada «por fricção, manejando em repetido movimento de vai-vem um instrumento duro, terminado em gume ou ponta, de encontro à superfície a ornamentar.» (Santos Júnior, *Arte rupestre*, «Cong. Mundo Port.», vol. I, 1940, pp. 366-367).
- 8 — É obviamente impossível saber quantas vezes a gravura terá sido reavivada, ao longo do tempo; a ajuizar porém por alguns ténues grafitos recentes, que rodeiam a figura, este «último» reavivamento não deve ter alterado, no essencial, a forma primitiva, tendo-se traduzido sobretudo em dois aspectos: eliminação de parte da páina dos sulcos, a que nos referimos no texto, e prolongamento, facilitado pela própria acção de friccionar, de alguns sulcos para além das suas dimensões originais: caso da extremidade da crina, sobre o corpo do animal (talvez na intenção de fazer a figura corresponder a um ovino, adequando-a à tradição popular), e do sulco que delimita o sexo, do lado esquerdo.
- 9 — V. R. Lavocat (dir. de), «Faunes et Flores Préhistoriques de l'Europe Occidentales», Paris, Ed. Boubée et Cie, 1966, p. 194.
- 10 — Terminologia inspirada em Leroi-Gourhan (v. nota seguinte).
- 11 — Leroi-Gourhan, «Préhistoire de l'Art Occidental», Paris, L. Mazenod, 1963; idem, *L'art paléolithique en France*, «La Préhistoire Française», 1976, t. I, vol. I, pp. 741-748.
- 12 — V. Farinha dos Santos, *Vestígios de pinturas rupestres descobertas na gruta do Escoural*, «O Arq. Port.», nova série, t. V, 1964; idem, *Novas gravuras rupestres descobertas na gruta do Escoural*, «Rev. Guimarães», vol. LXXVII, 1967.
- 13 — No artigo *Arte rupestre em Portugal* (Enc. Verbo, vol. 20, col. 1093 e seguintes) citam-se esses novos achados e o trabalho *Descobertas de arte rupestre na gruta do Escoural (Evora, Portugal)*, in «Simpósio Internacional de Arte Rupestre Comemorativo do Centenário de Altamira», Madrid,

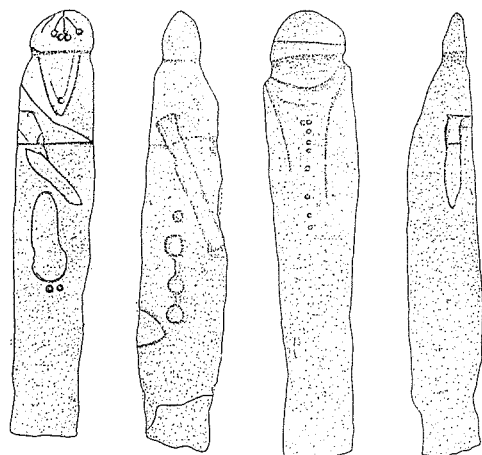
- 1980, da autoria de Farinha dos Santos, Varela Gomes e Pinho Monteiro.
- 14 — Cabré, in «Arch. Esp. de Arte y Arquel.», vol. 30, 1934; idem, in «Arch. Esp. de Arqueol.», vol. 14, 1940-41.
- 15 — Madrid, Ed. Alhambra, 1978.
- 16 — J. Roche, *Le Magdalénien portugais*, «La Fin des Temps Glaciaires en Europe» (colóquio realiz. em Talence em Maio de 1977), CNRS.
- 17 — «La Signification de l'Art Rupestre Préhistorique», Paris, A. & J. Picard, 1962.
- 18 — Por ex., *Origen y características de las primitivas razas caballares de la Península Ibérica*, «Institución Cultural de Cantabria. Anales Instituto Est. Agropecuarios», vol. I, 1975, pp. 94-108.
- 19 — In «Zephyrus», vol. XIV, Salamanca, 1963, pp. 29-45.
- 20 — V. González Echegaray et alii, «Cueva del Otero», Madrid, 1966, «Excavaciones Arqueológicas en España», n.º 53.
- 21 — Agradecemos ao geólogo Dr. António A. Huet de B. Gonçalves, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, a análise de uma amostra da rocha

que serviu de suporte às gravuras estudadas.

Consultámos, sobre a identificação deste exemplar de Mazouco, o Sr. Professor Doutor M. Telles Antunes, da Universidade Nova de Lisboa (Centro de Estratigrafia e Paleobiologia), transcrevendo, da carta que amavelmente nos enviou sobre o assunto, e que muito agradecemos, os seguintes dados:

- parece óbvio que se trata de cavalo;
- o desenho das mãos indica claramente um solípede;
- pelas proporções tratar-se-ia de cavalo de patas relativamente curtas, robusto, de tronco espesso, cabeça relativamente pequena, crina erecta, cauda aparentemente com muitas crinas, em conjunto espesso;
- a morfologia corresponde à de um cavalo de tipo primitivo, talvez comparável (até certo ponto) a alguns pôneys actuais;
- pode pensar-se num cavalo de tipo primitivo que, *por hipótese que não pode ser demonstrada* só com os elementos ao nosso dispor, se aproxima talvez do cavalo de Prjewalski.»

Uma peça importante do Museu da Região Flaviense — A ESTÁTUA-MENIR DE CHAVES



Estátua-Menir de Chaves

Estudada por
Vitor Oliveira Jorge
e
Carlos Alberto Ferreira de Almeida

no n.º 6 dos

«Trabalhos do Grupo
de Estudos Arqueológicos
do Porto»

Aspectos da evolução pré-histórica e proto-histórica do Poitou-Charentes (França)

por Jean-Pierre Pautreau

As antigas províncias do Poitou e das Charentes estendem-se desde o bordo ocidental do Maciço Central até às margens do Atlântico, entre o Loire, a Norte e o Gironde, a Sul. Região de baixa altitude, de clima marítimo suave e húmido, este «Centro-Oeste» corresponde sensivelmente aos departamentos de Charente, Charente-Maritime, Vendée, Deux-Sèvres e Vienne.

Simultaneamente zona de circulação, no sentido Norte-Sul (soleira calcária do Poitou) e região aberta ao mar (antigo golfo dos Pictons), este território, com um rico passado paleolítico, vê aparecerem os primeiros agricultores durante o V milénio a.C.

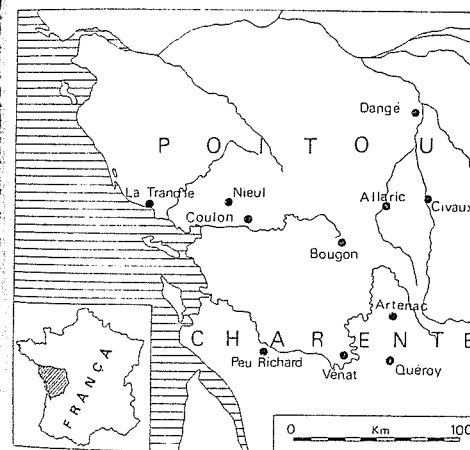


Fig. 1 — A região estudada e suas principais jazidas.

No Poitou reúnem-se as duas grandes correntes de difusão da agricultura. As influências da neolitização de *origem mediterrânica*, bem conhecidas até ao Cabo Mondego, verificam-se

de novo através das descobertas recentes de cerâmicas impressas, no litoral vendeano e da Charente. Em La Tranche (Vendeia) obteve-se uma datação de 4350 a.C.; uma lareira, encontrada na ilha de Ré (Charente-Maritime), continha uma taça hemisférica, uma taça sub-carejada e um fragmento de cerâmica decorado com impressões, provavelmente, de concha; o conjunto foi datado de 4000 a.C. Estas datas coincidem com as obtidas num dolmen de Bougou (Deux-Sèvres): 3850 a.C., que revelou um vaso carenado e um outro com gola (*à épaulement*). A gruta de Bellefonds (Vienne), mais para o interior, revelou também material lítico (uma ponta de seta de Montclus) e cerâmica de inspiração mediterrânica.

Mais tarde, as últimas influências da corrente *centro-europeia* manifestam-se no Norte do Seuill do Poitou, nos princípios do Neolítico médio, com a jazida de Dengé (Cultura de Cerny).

Os primeiros megálitos da fachada atlântica surgem, provavelmente, com os primeiros agricultores, embora o seu florescimento, no litoral, pareça estar ligado, nos finais do IV milénio, ao grupo dos *Cous*, que utiliza dolmens de corredor de tipo atlântico, abertos a Nascente. A cerâmica típica desta cultura é constituída por vasos de fundo arredondado, acentuadamente globulosos, de colo côncavo, raramente decorados. A sul do estuário do Loire os dólmenes com transepto constituem um tipo particular do dólmen de corredor.

O Centro-Oeste da França conhece durante a primeira metade do III milénio uma significativa influência do *Chasseense* com vasos-suporte. Estes chasseenses tardios, conhecidos principalmente pelas suas sepulturas, utilizam taças de base circular decoradas com triângulos pontilhados ou tracejados e taças carenadas de fundo redondo e parecem ter construído os dólmenes